

ECONOMIA CRIATIVA: CONTRIBUIÇÕES DA PRODUÇÃO DE ARTESANATO PARA O DESENVOLVIMENTO DE SILVEIRAS/SP

Daniele Aparecida Rosa Teixeira
Edson Trajano Vieira
Moacir José dos Santos

GRUPO DE TRABALHO: GT9: Novas formas de organização da produção e gestão social:

RESUMO

A economia criativa apresenta potencial para contribuir com a inclusão produtiva, sob a perspectiva do desenvolvimento regional. A partir dessa premissa, a pesquisa pertinente ao presente trabalho tem como objetivo analisar a contribuição da produção de artesanato, tendo como base ações de economia criativa, para o desenvolvimento do município de Silveiras-SP. Para tanto, a metodologia da pesquisa caracteriza-se como descritiva, de abordagem qualitativa, com delineamento documental e de campo, com consulta às bases do IBGE, SEADE e FIRJAN, para a compreensão dos índices, especialmente a população, IDHM e renda per capita, a fim de comparar a atividade econômica de Silveiras-SP com as demais cidades da microrregião de Bananal-SP. A amostra da pesquisa contou com 14 entrevistas semiestruturadas referente aos estabelecimentos artesanais que aceitaram participar e uma entrevista com o gestor de cultura do município. Os resultados demonstraram que os artesãos têm ciência das condições que definem o seu trabalho. Contudo, a pesquisa obteve êxito ao alcançar suas proposituras, referente à atividade artesanal como geradora de renda e de benefícios sociais para o desenvolvimento do município.

Palavras-chave: Gestão e Desenvolvimento Regional; Economia Criativa; Artesanato Local.

1 Introdução

A economia criativa é dinâmica quanto ao impulsionar do desenvolvimento cultural, pois baseada na capacidade intelectual relacionada à criação de bens e de serviços. Tal condição possibilita para ampliar os horizontes da população envolvida com a economia criativa sob o prisma das relações econômicas, políticas e culturais. Segundo Reis (2007, p. 09), “a Economia Criativa acontece toda vez que o homem gera renda, ou fluxo econômico baseando-se em uma produção que valoriza a singularidade, o simbólico e aquilo que é intangível: a criatividade”. A economia criativa contribui significativamente para o desenvolvimento social, ao gerar benefícios econômicos que associam inclusão produtiva e social no âmbito local e regional.

A associação da economia criativa com o desenvolvimento emerge da observação das cidades que conseguiram essa aproximação, com o aproveitamento do potencial local. Soares e Vieira (2018) destacam premência do uso de estratégias para inovar em âmbito municipal a partir da criatividade. A literatura dedicada à relação entre economia criativa e desenvolvimento regional e local subsidiou o presente trabalho. O objetivo foi analisar qual é

a contribuição da produção de artesanato, tendo como base ações de economia criativa, para o município de Silveiras-SP.

A relevância da pesquisa se dá pela crescente pertinência da economia criativa para as políticas públicas de desenvolvimento. A associação entre economia criativa e políticas públicas decorre do potencial da cultura para pautar processos produtivos criativos e inclusivos. A pesquisa foi realizada no município de Silveiras. O município possui potencial relacionado à sua trajetória histórica com a presença de atividades artesanais, que contribuem para o desenvolvimento econômico e social. Em Silveiras a atividade artesanal emergiu da necessidade de complemento de renda, visto que o município não tem indústrias e a principal fonte de renda provém da atividade leiteira e de pequenos comércios (IBGE, 2010). O artigo está dividido em cinco seções. Além da introdução, é realizada a caracterização da cadeia produtiva da economia criativa na segunda seção. A terceira seção apresenta os procedimentos metodológicos, enquanto a quarta indica os resultados e análise correspondente. A quinta e última seção descreve as considerações finais.

2 Economia criativa: cadeia produtiva

O termo economia criativa abrange atividades pertinentes a ideias associadas a criatividade, inovação e imaginação. Sua origem relaciona-se a diversificação contemporânea quanto produção de valor, para além das atividades produtivas associadas transformação dos recursos naturais (VIEIRA; SANTOS; CARNIELLO, 2016). Howkins (2013) descreve o processo de emergência e de amadurecimento das indústrias criativas após a ocorrência da Creative Nation, e, posteriormente, o surgimento da expressão indústria criativa, promovida pelo governo britânico, no final da década de 1990, o qual delineou os atuais ramos e destinos dessa atividade. Desde a década de 1990, alguns governos compreendem o potencial da economia criativa quanto a geração de emprego e renda. Esse posicionamento implicou na promoção da economia criativa mediante políticas públicas (KON, 2016). Tal panorama motiva a investigação da cadeia criativa brasileira. A cadeia criativa é definida, de acordo com a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad), 2008, “pelos ciclos de criação, produção e distribuição de bens e serviços que usam criatividade e capital intelectual como insumos primários”, conforme a Figura 1. O núcleo são os serviços essenciais, cujo principal insumo é a criatividade; as atividades relacionadas, envolvendo segmentos de prestação direta de bens e serviços para o núcleo, em grande parte composta de indústrias e de empresas de serviços que fornecem materiais e elementos-chave para o seu funcionamento; e atividades de apoio, que incluem fornecedores de bens e de serviços mais indiretamente.

Figura 1. Cadeia Criativa



Fonte: Elaborado por SANTOS, (2015) a partir de BENDASSOLI, (2009)

No Brasil os elementos de cada cadeia criativa foram definidos por meio da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0) do IBGE. De acordo com Santos (2015), em

um universo de 673 classificações de atividades, foram identificadas 185 categorias associadas aos três elementos da Figura 1: núcleo, atividades relacionadas e de apoio. As atividades, primeiramente, estão organizadas, no núcleo criativo definido como centro da cadeia, seguido de suas ideias principais, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 - Atividades do Núcleo Criativo

Publicidade & Marketing	Atividades de publicidade e marketing, pesquisa de mercado, administração de imagem
Arquitetura	Design e projeto de edificações, paisagens e ambientes, planejamento e conservação
Design	Design gráfico, multimídia e de móveis
Moda	Desenho de roupas, acessórios, calçados e modelistas
Expressões Culturais	Artesanato, folclore, gastronomia
Patrimônio & Artes	Serviços culturais, museologia, produção cultural, patrimônio histórico
Música	Gravação, edição e mixagem de som; criação e interpretação musical
Artes Cênicas	Atuação, produção e direção de espetáculo
Editorial	Edição de livros, jornais, revistas e conteúdo digital
Audiovisual	Desenvolvimento de conteúdo, distribuição, programação e transmissão.
P&D	Desenvolvimento experimental e pesquisa em geral exceto biologia
Biotecnologia	Bioengenharia, pesquisa em biologia, atividades laboratoriais
TIC	Desenvolvimento de softwares, sistemas, consultoria em TI e robótica.

Fonte: Adaptado de FIRJAN, (2019)

Após definido o núcleo criativo, em um segundo momento, detalhou-se as atividades relacionadas que são os bens e os serviços ligados diretamente ao núcleo, representados por indústrias e por empresas de serviços fornecedoras de materiais e elementos para o funcionamento do núcleo, de acordo com o Quadro 2.

Quadro 2 - Atividades Relacionadas

Indústrias	Serviços e comércio
Materiais para artesanato	Registro de marcas e patente
Materiais para publicidade	Serviços de engenharia
Confecção de roupas	Distribuição, venda e mídias audiovisuais
Aparelhos de gravação e transmissão de som e imagens	comércio varejista de moda, cosmética e artesanato
Impressão de livros, jornais e revistas	livrarias editoras e bancas de jornal
Instrumentos musicais	Suprimento técnico de TI
Metalurgia de metais preciosos	Restauração de obra de arte
Curtimentos e outras preparações do couro	Agências de notícias
Equipamentos de informática	Comércio de obras de arte e antiguidades
Equipamentos Eletrônicos	Operadoras de televisão por assinatura
Cosmética	
Produção de hardware	

Equipamentos de laboratório	
Fabricação de madeira e mobiliário	

Fonte: Adaptado de FIRJAN, (2019)

As atividades de apoio, descritas no quadro 3, são bens e serviços ofertantes de forma indireta, que aparecem em um terceiro momento, para complementar o detalhamento da cadeia criativa.

Quadro 3 - Atividades de Apoio

Serviços especializados
Construção Civil
Indústria e varejo de insumos, ferramentas e maquinários
Tecelagem
Turismo
Capacitação técnica
Telecomunicações
Representação comercial
Infraestrutura
Comércio
Reparação e manutenção de computadores e equipamentos periféricos
Serviço de tradução
Crédito
Agenciamento de Direitos Autorais

Fonte: Adaptado de FIRJAN, (2019)

A geração de ideias a partir da criatividade aumenta a competitividade no mercado, o que contribui com a inovação. Desse modo, faz-se necessário conhecer a cadeia de produção dos setores criativos. A FIRJAN (2016) destaca que os ofertantes de bens e de serviços de forma indireta à economia criativa são vistos como possíveis apoiadores dos empreendedores criativos, sendo seus serviços requisitados de acordo com as demandas pontuais. Por exemplo: na construção civil, os serviços demandam obras, reformas necessárias para estrutura física-estrutural das empresas, com lugares adequados e acessíveis aos consumidores. Já para indústria e o varejo, a demanda gira em torno dos insumos básicos, ferramentas e maquinários para a produção dos serviços culturais. E, na tecelagem, o apoio está ligado diretamente na produção de roupas e calçados, direcionado à criatividade têxtil que produzirá uniformes para os funcionários, ocasionando uma demanda de pedidos às empresas de apoio. Observa-se um ciclo sistêmico com interações relevantes de compra e de venda, desde a elaboração dos produtos caracterizados pela divisão do trabalho e pela reciprocidade das empresas envolvidas (JUNQUEIRA, 2018).

De acordo com Junqueira, (2018), existem algumas características que envolvem o desenvolvimento das indústrias culturais ou criativas atrelado às cidades e aos territórios. Essas características estão relacionadas às qualidades pessoais, à vontade de liderança, à cultura organizativa, à identidade local bem como à relação social local que permite uma comunicação profissional relevante, no contexto histórico tradicional, nos aspectos econômicos, culturais e políticos que contribuem para singularidade das cidades que hoje se denominam criativas. Desse modo, percebe-se uma relação sistêmica entre as cadeias da cultura e a atividade turística. Para o SEBRAE (2011), os setores como turismo, cultura, artesanato, design, gastronomia, serviços de arquitetura e software estão ligados à economia

criativa com presença marcante nas micro e nas pequenas empresas, permitindo que essas conquistem e mantenham seu espaço num mercado cada vez mais competitivo. Os aglomerados criativos, que incluem instituições culturais diversas, equipamentos culturais, artistas, artesãos, parques científicos e centro de mídias, são locais ao mesmo tempo de trabalho e de residência nos quais os produtos criativos são produzidos e consumidos, compostos por sua diversidade local. Como a produção criativa se destaca em qualquer área da economia criativa, Reis (2008) destaca que essas manifestações promovem o reconhecimento da região, atraindo cada vez mais parceiros, fornecedores e consumidores de cultura, transformando os espaços em interesse turístico. Tal desencadeamento, para Junqueira (2018), é positivo para a região, pois o crescimento de um setor produtivo tem efeitos multiplicadores, uma vez que gera emprego, nos setores de apoio, promove novos negócios culturais e aumenta a demanda de serviços auxiliares, inclusive para o turismo.

Segundo a FIRJAN (2019), o mapeamento da indústria criativa aborda duas óticas. A primeira é a ótica da produção, que, nos últimos anos, passou por um cenário recessivo, estabilizando sua participação do PIB criativo no PIB brasileiro. Em 2014, a participação girava em torno de 2,62% com pequenas oscilações. No ano de 2015, atingiu 2,64% e, em 2017, o PIB criativo representou 2,61% de toda a riqueza do território nacional, somando um total, na indústria criativa, de R\$ 171,5 bilhões em 2017 (FIRJAN, 2019). A segunda ótica é a do mercado de trabalho. Os profissionais criativos, independentemente do lugar onde trabalham, seja em empresas tidas como estritamente criativas, seja em qualquer outra atividade econômica, reforçam a estratégia da classe criativa em sua produção. A Firjan (2019, p.11) relata, a respeito do mercado de trabalho: “em 2017, o Brasil contou com 837,2 mil profissionais criativos formalmente empregados, o que representa queda de 3,9% em relação aos 871 mil vínculos formais registrados em 2015”, sendo que a retração observada, entre 2015 e 2017, foi correspondente à variação no estoque de trabalhadores formais brasileiros. Mesmo com esse cenário, os trabalhadores criativos mantiveram sua participação no estoque de mão de obra formal nacional.

De acordo com a Firjan (2019), entre os estados, estima-se que as maiores participações da Indústria Criativa, nos PIBs estaduais, foram em São Paulo (3,9%), Rio de Janeiro (3,8%) e Distrito Federal (3,1%), todos os três com participação acima da média nacional (2,61%) e apresentando manutenção ou expansão de participação no período. Nos três estados, houve estabilidade na participação do setor referente à indústria criativa e nas economias estaduais; esse fato não foi uma regra, pois os estados do Amazonas, Pernambuco, Santa Catarina, Amapá e Ceará obtiveram avanço na participação do PIB, no período de 2015-2017, de modo que entre as 27 unidades de Federação, outras 14 apresentaram recuo (FIRJAN, 2019, p.12).

Algumas mudanças vêm ocorrendo dentro da estrutura do setor criativo. A expansão da tecnologia, o progresso da digitalização e as novas formas de interação entre empresa e consumidor exigem novos empregos especificamente dentro das áreas de Tecnologia e de Consumo, o que também pode ser vista nas demais áreas criativas. De certa forma, a participação dos agentes criativos continua sendo 0,9% superior à economia como um todo, com pensamentos inovadores e sugerindo novos caminhos para o desenvolvimento, produção e consumo (FIRJAN, 2019). Segundo Proença (2019), com o avanço da globalização, os indivíduos precisam manter uma consciência diferenciada, na uniformização, visto que as políticas culturais se apresentam como ferramenta útil à sociedade, sendo o apoio da administração pública um fator determinante para o processo de reabilitação social, por

meio da legalização e da criação de logística e incentivos fiscais. Destaca, ainda, que as atividades sob a ótica da promoção da criatividade é um reforço ao capital cultural e se conecta com o território onde se inserem. Tais atividades reforçam o dinamismo regional, criando um pressuposto entre o dinamismo e competitividade. Dessa forma, os eventos de celebração, as festas folclóricas, os festivais, as feiras de artesanato desenvolvem a economia criativa, promovendo a cultura local que está atrelada à estratégia de desenvolvimento regional.

3 Procedimentos metodológicos

A pesquisa caracteriza-se como descritiva, de abordagem qualitativa, com procedimento documental e de campo. A abordagem qualitativa trabalha com o universo dos significados, motivos, valores e atitudes que permitem uma forma aprofundada de dados precisos como o histórico da cidade, localização dos estabelecimentos artesanais, dinâmica do território para entender o problema abordado. A quantitativa permite um levantamento objetivo em números de dados a serem coletados referentes à renda, à faixa etária, aos dados de IDHM, à população, consultados, nas bases documentais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE, no Sistema Estadual de Análise de dados Estatísticos SEADE e na Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro FIRJAN. Quanto aos objetivos, será descritiva, pois busca conhecer as diversas situações e relações na vida social, econômica, buscando uma conexão com o meio observado. E de campo, que permite ao pesquisador fazer um recorte em termos de espaço e de contato com o cotidiano social, resultando e um leque de procedimentos e de descobertas (MINAYO, 2009).

A pesquisa foi realizada, em Silveiras, município do estado de São Paulo, localizado, na microrregião de Bananal e mesorregião Vale do Paraíba. Localiza-se a uma latitude 22°39'52" sul e a uma longitude 44°51'10" oeste, estando a uma altitude de 615 metros em relação ao nível do mar. Possui uma área territorial de 414,782 Km², com população estimada em 2020 de 6.339 habitantes. O município possui acesso por Rodovias Federais, como a BR - 116, e por Rodovias Estaduais, como a Rodovia Governador Carvalho Pinto. Os municípios limítrofes são Lavrinhas e Queluz a norte, Areias a leste, Cunha a sudeste, Lorena a sudoeste, Cachoeira Paulista a oeste e Cruzeiro a noroeste (IBGE, 2020). A figura 1 abaixo apresenta o mapa da localização geográfica do município que será objeto de estudo desta dissertação.

Figura 1 - Mapa da RMVPLN com destaque para o Município Silveiras-SP.



Fonte: Adaptado pelos autores.

Para a pesquisa, foram utilizados dois instrumentos: análise documental, nas bases IBGE, SEADE e FIRJAN para a compreensão de dados referente ao IDHM do município, comparando-os com a microrregião de Bananal e entrevistas estruturadas com questões abertas e semiabertas. O segundo instrumento foi a realização de entrevista com o gestor de Cultura do município e os empreendedores artesanais, buscando identificar a percepção e a estrutura do desenvolvimento do artesanato na região. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Taubaté, sob o protocolo CAEE 88343318.5.0000.5501. O plano para a coleta de dados, que ocorreu em três etapas, foi sistematizado e relacionado com os segmentos estudados, conforme o Quadro 4.

Quadro 4 - Quadro Coleta de Dados.

1 - Pesquisa Bibliográfica	Livros, artigos e revistas	- Gestão e Desenvolvimento Regional - Conceito de Território - Economia Criativa - Produção de Artesanato
2 - Pesquisa Documental	Caracterização socioeconômica	IBGE e SEADE
	Sistema FIRJAN	- Profissionais - Remuneração
	Prefeitura Municipal	- Estabelecimentos Artesanais - Histórico da cidade. - Acervos históricos
3 - Pesquisa de Campo	Entrevistas estruturadas e semiestruturadas	- Gestor de Cultura - Empreendedores Artesanais
	Análise de dados	Escuta de gravações; Transcrição de dados qualitativos; Análise e Interpretação dos dados coletados.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Os dados foram analisados por meio de técnicas qualitativas do método de conteúdo e consistiu em três etapas: a pré-análise, que consiste na organização do material para facilitar a montagem dos quadros; a categorização das respostas que foi construída com base na fundamentação teórica e nos questionamentos dos atores sociais envolvidos, determinando-

se um conjunto de especificações com categorias relevantes para a pesquisa e, por último, o envolvimento da análise das respostas, as realidades vivenciadas encontradas, no ambiente de campo e na interpretação da categorização (CRESWELL, 2010).

4 Economia criativa em Silveiras

As condições sociais e econômicas presentes em Silveiras possibilitam compreender por que as atividades associadas a economia criativa possuem potencial para contribuir com a inclusão social e econômica no município. A microrregião de Bananal, onde está Silveiras, apresenta um IDHM que indica a necessidade de incremento das políticas públicas de desenvolvimento, conforme a Tabela 1.

Tabela 1 - População e IDHM da Microrregião de Bananal.

Município	População 2010	População estimada 2015	População estimada 2020	Índice de Desenvolvimento Humano- IDHM
Arapeí	2.493	2.524	2.460	0,680
Areias	3.696	3.859	3.896	0,697
Bananal	10.223	10.775	10.993	0,733
São José do Barreiro	4.077	4.185	4.144	0,684
Silveiras	5.792	6.158	6.339	0,678

Fonte: IBGE, (2020)

Outro índice que aponta para um déficit, nos municípios da microrregião de Bananal, está relacionado à baixa renda per capita ao compararmos com o município de São José dos Campos, principal município da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, cuja renda é 1,38 vezes superior. Nos dados da Tabela 2, referentes ao PIB em mil reais, os municípios de Areias, São José do Barreiro e Silveiras obtiveram um saldo positivo na variação nos anos 2010-2019. Já a variação dos municípios de Bananal e Arapeí foi negativa. Desse modo, o município de Silveiras obteve um crescimento econômico maior, que demonstra que o artesanato dinamizou as cadeiras produtivas.

Tabela 2 - PIB em mil reais, a preços de 2019, dos municípios do Vale Histórico

Município	2010	2019	Variação em %	Renda per capita 2019
Arapeí (SP)	R\$ 37.931,73	R\$ 34.001,00	- 10,36%	13.754,45
Areias (SP)	R\$ 38.812,89	R\$ 46.311,00	+19,32%	12.107,45
Bananal (SP)	R\$ 200.291,20	R\$ 181.838,00	- 9,21%	17.146,44
São José do Barreiro (SP)	R\$ 47.324,62	R\$ 50.659,00	+ 7,05%	12.449,99
Silveiras (SP)	R\$ 62.383,06	R\$ 76.118,00	+ 22,02%	12.352,81

Fonte: Sidra IBGE, valores atualizados pelo IPCA/IBGE (2020)

Mesmo com resultados positivos, no PIB, a região possui um baixo índice de desenvolvimento econômico, comparado ao município de São José dos Campos, que resulta de um longo processo de estagnação vigente, desde a decadência da atividade cafeeira, no final do século XIX, combinada a uma posição periférica no contexto do Vale do Paraíba (SANTOS, HANAOKA e CARNIELLO, 2015). Para melhor compreensão da realidade local, buscou-se nas bases do IBGE e SEADE, dados relacionados ao emprego de modo geral, extraídos a partir do censo de 2010.

Tabela 3 - Indicadores relativos ao capital econômico

Descrição das categorias	Valores
PIB (per capita)	12.078,41
Rendimento Médio do Total de Empregos	1.875,95
Formais (em reais correntes)	
População com ocupação formal (%)	11,5 %
Quantidade de empresas formais	84
Número de empregos formais	790

Fonte: IBGE, SEADE, (2019)

Após, foi feita uma análise por setores julgados necessários nos quais foram encontrados diversos tipos e foram feitas filtragens, elencando as categorias administrativa, rural e artesã, operário, que, de acordo com o histórico do município, são as que movem a economia, representados de acordo com a Tabela 4.

Tabela 4 - Trabalho principal – Setor Empregados - categorias dos empregados

Grupo	Nº de Empregados	Categoria do Emprego	Nº de Empregados
		Subgrupo	
Com carteira de trabalho assinada	992	Trabalhadores domésticos	227
Militares e funcionários públicos estatutários	100	Demais Empregados	1.771
Sem carteira de trabalho assinada	906		
Não remunerados	18		
Trabalhadores na produção para o próprio consumo	77		

Fonte: IBGE, Censo, (2010)

Em relação ao estímulo ao capital cultural no município, observam-se equipamentos culturais como: biblioteca pública, centro cultural, estádios, ginásios poliesportivos e centro de artesanato. A despesa municipal com a cultura, correspondia a R\$ 1.673.749,57 (IBGE, 2010). Foram identificados dados referentes aos empregos criativos, recorrentes nos anos de 2004 a 2017.

Tabela 5 - Total de profissionais criativos com emprego formal em Silveiras/SP

Segmentos	2004	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
1 Arquitetura Engenharia civil e afins	1	1	1	1	1	1	1	1	1
2 Artes Cênicas	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3 Áudio Visual	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4 Biotecnologia	1	0	0	3	3	3	3	3	3
5 Design	0	0	0	0	0	0	0	0	0
6 Editorial	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7 Expressões Culturais	3	4	5	6	0	4	5	3	0
8 Moda	1	0	0	0	0	0	0	0	1

9	Música	0	0	0	0	0	0	0	0
10	Patrimônio e artes	6	11	8	6	5	5	6	2
11	Pesquisa & Desenvolvimento	0	0	0	0	0	0	0	0
12	Publicidade & Propaganda	0	0	0	0	0	0	3	4
13	TIC	1	0	0	0	0	0	0	0
Total		13	16	14	16	9	12	15	12
13									

Fonte: FIRJAN, (2019)

Notou-se que, no período de 2010 a 2017, houve variações no número de profissionais criativos, o que é significativo devido ao município ser de pequeno porte e concentrar-se mais no setor rural do que no industrial. Dos 13 segmentos que compõem a economia criativa, apenas 6 encontram-se, no município, que são: arquitetura / engenharia e afins, biotecnologia, expressões culturais, moda, patrimônio e artes e publicidade & propaganda. Os setores que se destacaram com mais trabalhadores são: publicidade & propaganda e patrimônio e artes que inclui a atividade artesanal. Na comparação, foi possível avaliar que, nos anos de 2010, 2012 e 2015, os números de profissionais criativos são maiores. Já, no ano de 2017, esse número decresceu, contando com 13 profissionais, porém isso não se torna uma preocupação, pois essa retração é mínima e consistente com a realidade dos municípios menores. Ressalta-se, ainda, que a maioria dos trabalhadores artesanais não tem carteira assinada, como trabalhadores criativos, desse modo, não aparecem nos indicadores identificados pela FIRJAN.

Em Silveiras, o artesanato surgiu pela necessidade de complemento de renda da população, em um contexto com o predomínio da economia leiteira. No município, existiam artesãos da zona rural que trabalhavam com palha, algodão, madeira e fibras vegetais e eram reconhecidos, no Vale do Paraíba, conforme relatam Sá e Siqueira (2014). O artesanato enquanto atividade voltada para o mercado, iniciou-se, na década de 1970, com a vinda do artesão João Camilo para o município, que instalou a primeira oficina de artesanato. De acordo com Sá e Siqueira (2014), Camilo desenvolveu seu artesanato junto com os artesãos locais, que tinham uma experiência com entalhe, esculpiam pilões e gamelas. O trabalho de representação dos pássaros entalhados, na madeira, foi um produto inédito, pois se diferenciavam dos produzidos, no Litoral Norte, pois a forma da escultura era mais bruta e utilizavam a combinação das cores roxa e rosa chapado que não proporcionava realismo à peça. Por meio de pesquisas sobre pássaros da fauna brasileira, foi possível desenvolver novas técnicas de pintura e formas esculturais com acabamento e manuseio correto da madeira, inovando o produto, conforme a Figura 2.

Figura 2 - Aplicação de novas técnicas de pintura.



Fonte: Acervo dos autores, 2021.

A partir desse momento, foi realizada uma feira denominada Silveirarte organizada pela Associação de Amigos de Silveiras, a qual contribuiu para divulgar a ideia para população local quanto ao sustento com o novo trabalho. O Quadro 5 apresenta o processo de confecção dos pássaros de madeira.

Quadro 5 - Processo de confecção dos pássaros antes e depois do aprimoramento

Processo	Antes	Depois
Pintura	Uma cor só, com técnica pouco desenvolvida.	Aprimoramento da pintura.
Corte	Feito com serrote ou serrinha de mão.	Feitos na máquina circular, serra de fita, utilização de torno.
Lixa	Feito à mão.	Máquina para lixar.
Madeira	Caxeta, Madeirit e taquara.	Caxeta, taquara, Madeirit, mdf e Pinus.
Peças para os pássaros, ex: pé, alça, fio, ganchos.	Buscavam na natureza. Adaptavam galhos para os pés, cipó para alça, gancho.	Encontram em São Paulo, São José dos Campos e com alguns artesãos que revendem, pés de plástico ou silicone, gancho de metal, sизal, alça de alumínio.

Fonte: SÁ; SIQUEIRA, (2014)

A inserção de máquinas, na atividade artesanal, conforme Sá e Siqueira (2014), auxiliou na demanda dos produtos, facilitando o processo de produção. O processo de produção, em sua maioria, ocorre nos espaços domésticos. Em alguns locais, as máquinas são armazenadas em chão de terra batida e o local de desdobra da madeira é precário, com acúmulo de resíduos e de restos de madeira. Há produtores que conseguiram construir galpões estruturados para organizar seu estoque e produção, visto que, no município, são poucos que conseguem esse recurso. O processo de fabricação dos pássaros segue etapas de produção, conforme o Quadro 6.

Quadro 6 - Etapas da produção – Inserção de máquinas

Etapas da Produção	Detalhamento

Entalhe	Geralmente feito na madeira caxeta que é mais fácil de manusear. Em alguns casos, o artesão recebe a peça cortada no tamanho do pássaro para ser esculpido.
Corte	As peças são riscadas e cortadas à máquina com serra de fita.
Lixa	Depois da peça esculpida, o lixamento é feito a mão ou à máquina para melhor aderência da pintura.
Pintura	Ocupa o maior número de pessoas, geralmente feito por mulheres, por ser bem detalhado.
Acabamento	Colocação de ganchos, alças, espelhos, fios, pé, colagem de outras peças como utensílios domésticos e decorativos e por fim são embalados.

Fonte: SÁ; SIQUEIRA, (2014)

As etapas de fabricação são calculadas separadamente para melhor organização dos custos, valorizando a produção realizada. Uma dificuldade para a valorização da produção local é a identificação, pois os pássaros esculpidos, não possuem uma identificação de origem, ou seja, são vendidos dentro do próprio município e para os municípios vizinhos como Areias, São José do Barreiro, Arapeí, Bananal, para que os outros artesãos possam confeccionar do seu modo e revender. Visto que a madeira caxeta não é tão fácil de encontrar e alguns artesãos não têm habilidade para esculpi-la. Desse modo, adquirem um produto semipronto, colocando sua marca, sua pintura, dando outra característica ao produto. Isso ilustra como o sistema de manufatura vai diversificando a produção (CARVALHO, 2001).

No que diz respeito ao perfil dos artesãos, nota-se que cada um possui uma habilidade e uma diversificação de produtos. Algumas peças são mais delicadas e com excelente acabamento, outras peças têm um aspecto mais bruto, chapado. Isso acontece porque cada um possui seu modo de fazer. Conforme relata Sakr (2016), a identidade e o domínio intelectual estão fundamentados em cada indivíduo.

A terceirização agilizou o processo de produção e de rendimento do produtor. Porém, o artesão que produz em casa não possui vínculo empregatício e não acessa os benefícios da previdência social (CARVALHO, 2001). Contudo, a valorização do artesão e do artesanato estão ligados, por um lado, à renda que ele gera, tanto em quantidade como na regularidade, e, por outro, ao resgate dos valores da cultura local. Daí a necessidade de investigar as condições de produção relacionadas à economia criativa.

5 Dados da Pesquisa de Campo

A pesquisa foi realizada, no mês de julho de 2021, no município de Silveiras/SP. Com visita à prefeitura municipal, foram coletados dados referentes à economia criativa em âmbito local.

Na lista cedida pela prefeitura, dos 21 estabelecimentos cadastrados, 1 encontra-se repetido, pois pertence ao mesmo proprietário, 6 não quiseram participar da pesquisa, restando 14 estabelecimentos em que foram realizadas entrevistas. A maioria dos estabelecimentos situam-se na avenida principal do município e alguns nas ruas adjacentes. Observou-se que estão divididos em comercial/galpão e casas, alguns com mais recursos que os outros, porém, cada um com sua identidade e com produção diferenciada. Os dados referentes à pesquisa com os estabelecimentos de produção artesanal foram separados em 5 blocos sendo eles: primeiro bloco – dados dos entrevistados; segundo bloco – questões sobre o artesanato;

terceiro bloco – dados profissionais; quarto bloco – dados do produto e quinto bloco – dados de comercialização. No primeiro bloco, primeiramente, observou-se que há equidade de gênero. Diferente de outras atividades artesanais como, por exemplo, o artesanato produzido pelas rendeiras do Nordeste onde o núcleo de trabalho é composto por mulheres. Nessa atividade, não há uma relação preponderante com o gênero. Referente à faixa etária dos entrevistados, percebeu-se que as pessoas estão situadas entre 25-55 anos, portanto encontram-se na fase de idade produtiva, visto que o artesanato é a atividade principal não sendo, por exemplo, uma complementação de renda pós-aposentaria.

Em relação ao estado civil de cada entrevistado, percebeu-se que a maioria é casada. De acordo com as observações, em campo, a maioria dos estabelecimentos visitados é composta por famílias. As limitações da realidade local geram uma condição diversa em relação ao estabelecido por Florida (2002) quanto ao ambiente da economia criativa em metrópoles, nas quais os indivíduos escolhem seu local de trabalho, suas atividades profissionais, e, quanto mais diversidade associada à criatividade, dinamizam os espaços de convivência. A dinâmica criativa de Silveiras, impede que as pessoas migrem de um local para outro para trabalhar devido à não diversidade de atividades, característica dos municípios de pequeno porte.

No segundo bloco de questões, investigou-se a relação do entrevistado referente ao tempo de serviço, ao início da atividade, ao incentivo da prefeitura e treinamento. Notou-se que o conjunto das habilidades entre os artesãos experientes e o artesão pioneiro potencializou e diversificou o artesanato cuja representatividade está nos pássaros de madeira, sem participação do poder público. O início da atividade, para a maioria dos entrevistados, remete à família, visto que a atividade faz parte da rotina para complemento de renda. Outros relataram que aprenderam com amigos ou observando os artesãos, o que remete aos anseios de aprender e dos donos dos estabelecimentos propiciarem oportunidades a quem precisa de trabalho. Em relação ao incentivo pela prefeitura, os 14 entrevistados responderam que não recebem incentivos, 12 respondentes não fazem parte de associação e 2 respondentes fazem parte da ASPA (Associação Silveirense de Produtores de Artesanato). Alguns dos entrevistados não veem vantagem em participar de associação, pois a maioria dos artesãos trabalham com atacado e pouco com varejo. Outro fato talvez seja pela falta de uma política clara de incentivo do poder público municipal em relação à associação. O incentivo, nessa questão, foi entendido pelos entrevistados como apoio financeiro no qual a prefeitura não disponibiliza. O que procede é o cadastro para a exposição de peças em festas, em eventos religiosos que garantem ao artesão um espaço para a venda dos produtos para aqueles que queiram participar.

Na questão a respeito da valorização do artesanato por parte da sociedade, as alternativas com mais respostas foram valorizado e pouco valorizado. Em relação à resposta valorizado, os indivíduos complementam o fato de o artesanato ser muito procurado e reconhecido na região. O pouco valorizado remete ao fato do valor que os compradores impõem sobre as peças, vendidas a preço de custo. As vendas, no atacado, são mais vantajosas, pois o preço está compatível com os custos e não há imposição de valores nos produtos.

No terceiro bloco, pergunta-se sobre os dados profissionais relacionados aos motivos que os levaram à prática da atividade artesanal, se possuem outra atividade paralela ao artesanato, se têm algum produto que seja característico de sua cultura ou tradição familiar, se possuem funcionários e/ou familiares que trabalham no ramo do artesanato. Na questão que envolveu

outra atividade remunerada, notou-se que a maioria não possui outra atividade além do artesanato. Em relação aos motivos que os levaram a exercerem a atividade artesanal, a resposta foi o desemprego, pois alguns entrevistados trabalharam, nos comércios e nas indústrias dos municípios de Cruzeiro, de Lorena e de Guaratinguetá. Com a perda do emprego, investiram na atividade artesanal. Alguns relataram que o artesanato não é algo que provém da tradição familiar, mas da necessidade para complemento de renda familiar cuja atividade principal era somente a pecuária leiteira. Outro aspecto indagado foi o quadro de funcionários, terceiros e familiar envolvidos na atividade. A maioria dos entrevistados respondeu que tem funcionários. Dos indivíduos que responderam que têm funcionários, somou-se um total de 80 trabalhadores, porém, desses, alguns também possuem terceiros, somando um total de 35 parceiros, membros da família somam um total de 7 pessoas e apenas 1 entrevistado se recusou a responder. Apesar de a maioria trabalhar, em família, conforme já citado em resultados anteriores, a necessidade da produção em massa demanda um vínculo empregatício.

O bloco quatro concentra-se nas questões relacionadas ao produto como: local de produção, aquisição de matéria prima, tipos de máquinas e equipamentos, consumidores, divulgação dos trabalhos tipos de madeira e como reaproveitam as sobras. Observou-se que o município possui várias casas que são ateliês. Em cada varanda, há um objeto artesanal à venda e, em muitas delas, um espaço para a confecção dos produtos. Alguns locais são estruturados, organizados, outros são adaptados em ambientes não planejados, com acúmulos de madeiras espalhadas, porém, cada um se ajusta como pode e produz seus artefatos conforme sua demanda e identidade (SÁ e SIQUEIRA, 2014). Para tanto, na questão que envolveu local de produção, os locais foram respondidos respectivamente como: casa, loja e fábrica, pois pela observação e pela consideração dos entrevistados, a casa está inserida dentro desses três quesitos. As peças produzidas nos ateliês são variadas. Notou-se que o produto mais vendido são os pássaros de madeira, uma peça representativa, dentre os outros tipos, e não algo tradicional ou característico de cultura familiar. Os utensílios de cozinha também são opção de maior venda e os brinquedos educativos, conforme o quadro 7. As caixas citadas são fabricadas com a madeira mdf que alguns incluíram em sua produção por haver grande procura, ser uma madeira mais fácil de se encontrar e pela extensão da chapa, podem ser produzidas peças em maior quantidade para suprir os clientes que compram por atacado.

Quadro 7 – Produtos que fabricam
Produtos que desenvolvem

Pássaros	Utensílios de cozinha	Brinquedos	Outros
Arara	Talheres	Trem	Caixas
Sabiá	Porta condimento	Avião	Borboletas
Papagaio	Socador	Brinquedos educativos	Trio de quadros de flor
Tucano	Colher de pau	Carrinho	Porta chave
Beija flor	Porta papel toalha	Casinha	Enfeite de jardim

Fonte: Elaborado pelos autores a partir da pesquisa de campo, 2023.

A respeito da aquisição de matéria-prima para o acabamento, as respostas foram categorizadas em fornecedor local, regional, virtual e, sem local certo. Nessa questão, os entrevistados responderam mais de uma opção de fornecedores. No grupo dos fornecedores locais, a aquisição dos materiais é encontrada, no próprio município, com outros artesãos que possuem um estoque maior e são vistos como fornecedores terceirizados por facilitar esse

trâmite comercial. No grupo fornecedores regionais, destacou-se um maior número de respostas. Foram citados os municípios do Vale do Paraíba como: São José dos Campos, Guaratinguetá, Cachoeira Paulista e Cruzeiro. Também compram, na cidade de São Paulo, em Bebedouro e no Estado do Paraná, alguns já têm empresas parceiras que os atendem quando necessitam sem precisar recorrer para outros fornecedores. Os grupos fornecedores virtuais e pessoas, sem local certo, são aqueles artesãos que não compram muito para estoque, então procuram preço e produtos aleatórios de acordo com a necessidade.

Com a necessidade de produzir para vender para outros Estados, foram inseridas máquinas no processo de produção. Nessa questão, foi possível escolher mais de uma opção em que as máquinas mais utilizadas são: serra em fita, serra circular, formão e lixadeira. Alguns artesãos explicaram que, para a confecção de peças maiores esculpidas, é necessário cortar a madeira bruta, na serra circular, utilizar o formão, entalhar, lixadeira para acabamento mais fino, o processo de pintura e secagem. As peças pequenas podem ser entalhadas com formão menor, talhadeira e outras são utilizadas apenas às máquinas de circular para cortar peças planas e sequenciadas. Apesar das diferenças de capital, de organização, de tecnologia e de trabalho, nos locais de produção, as máquinas e os equipamentos aparentemente estão conservados.

Em relação aos consumidores dos produtos artesanais, de acordo com o quadro 8, as respostas pautaram-se em lojistas e em distribuição, não que os turistas deixem de consumir, pois foram citados, nas respostas, é que o volume de venda é pouco relacionado à venda por atacado para os lojistas do Vale do Paraíba e de outros Estados. Dessa forma, por venderem, no atacado, não participam de feiras em eventos, no município, pois citaram que não compensa montar barracas na praça se tem seus ateliês. Em época de festa, não são todos os ateliês que abrem as portas, os que são café, laticínios e restaurantes juntamente com pequenas peças artesanais ficam abertos pois assim uma venda compensa a outra.

Na questão relacionada ao tipo de madeira, os entrevistados ficaram livres para escolher mais de uma opção, na qual as madeiras caxeta, a madeira mdf e o pinus apareceram com mais frequência. A madeira caxeta é a mais indicada e utilizada para a técnica de entalhe, por isso seu consumo é maior dentre as outras. O pinus é utilizado para cortes retos, que facilita fazer o desenho em cima e após recortar, na serra em fita, e, por último, a madeira de mdf que facilita no processo seriado das peças, agilizando o processo das encomendas. Todas as madeiras são bem aproveitadas para pequenos reparos nas peças como: base para pássaros, rodas de trens e como lenha para o forno, auxiliando na secagem das peças. Dos retalhos pequenos, também são feitos ímãs de geladeira, flores para os trios de quadros, ou seja, tudo se aproveita para o adorno das peças. A madeira para o forno é o combustível importante para a secagem dos pássaros, que são complementados por pequenos pedaços que compõem o bico, os pés, a base, os olhos e outros. Após os produtos passarem pelas etapas de fabricação, são separados por peças e por clientes, embalados e colocados em caixas de papelão. O transporte acontece por meio de coleta de transportadoras terceirizadas e quando a encomenda é um volume menor e o município está próximo como exemplo, Guaratinguetá, Cruzeiro, Queluz, alguns artesãos fazem a entrega com seus carros e cobram o frete.

O bloco cinco relata sobre questões ligadas à comercialização como: local onde comercializam os produtos, dificuldades com as vendas, período de maior venda, cálculo do produto, e renda familiar. Por revenderem os produtos para outros Estados e lojas, os artesãos

comercializam os produtos sob encomenda. Essa questão foi livre para escolherem mais de uma opção na qual, loja e internet também foram citadas. A categoria sob encomenda e loja obtiveram 11 e 8 pessoas respectivamente, por conta dos clientes que buscam as encomendas e acabam consumindo outras peças no local. Além dessas categorias, perguntou-se sobre outro local de venda, quando três entrevistados disseram que fornecem para lojas em outro Estado, vendem pelo Mercado Livre, site e facebook.

A maioria relatou não ter dificuldade em vender os produtos, porém eles reclamaram da concorrência desleal por parte de outros ateliês do município que ocasiona a redução da margem de lucro. As peças não possuem um selo com a identificação dos ateliês, entretanto os artesãos do município conseguem identificar as peças de cada ateliê pelo acabamento do entalhe e da lixa, pelo detalhamento da pintura. Já, nos outros Estados, são identificadas pelas características marcantes como a cor, a base de madeira rústica e o reconhecimento dos pássaros da região. Mesmo sabendo identificar as peças dos ateliês vizinhos, muitos querem conquistar clientes baixando os preços, ocasionando a desvalorização do produto. Um dos entrevistados relatou que uma mesma peça, no concorrente, estava mais barata, e a cliente disse que não levaria porque encontrou mais barato. Para não perder a venda, a peça foi vendida pelo mesmo valor do outro ateliê, levando vantagem somente na quantidade. Esse fato acontece tanto na venda por atacado quanto na venda no varejo. No varejo, a desvalorização é maior pois os clientes começam a procurar pequenos defeitos para obter desconto, refletindo no valor real do produto. Em relação ao cálculo dos preços, a maioria respondeu que calcula o custo de mão- de- obra. Alguns disseram que fazem o valor de acordo com a concorrência dos artesãos para não perder clientes. Observou-se que o imprevisto relacionado à concorrência é citado em várias questões envolvendo precificação. A maioria considera seu preço justo em relação aos outros artesãos, por mais que haja o problema da concorrência, entre eles, dizem estar compatível com o valor de mercado e, por vezes, ganham na quantidade. Alguns disseram que têm artesãos que fazem peças mal-acabadas e colocam um preço que não é justo, o que ocasiona os questionamentos pelos compradores, no varejo, já citados em outros resultados. Em relação à renda familiar, a maioria dos entrevistados recebe acima de três salários. A categoria entre 1 e 3 salários também foi assinalada e apenas 1 entrevistado se recusou a responder essa questão. Nessa composição salarial, os artesãos responderam com base na sua renda mensal. Várias profissões foram citadas, como boleira, cabelereira, manicure, que são profissões complementares e fáceis de conciliar com o artesanato.

Na entrevista com o gestor, foram respondidas algumas questões como: limites e dificuldades para realizar o artesanato, condições de trabalho, importância do artesanato para o município e apoio da prefeitura para com o artesanato. Referente à entrevista com os artesãos, houve questionamento de que não recebem incentivos da prefeitura. Em resposta a esse questionamento, o gestor fez o seguinte relato: “a Prefeitura apoia os artesãos nas semanas que são requisitadas como: festa do tropeiro, festas religiosas, festival da Içá por meio de divulgação e espaço para barracas, porém é preciso fazer um cadastro na prefeitura para melhor organização”. Assim, cabe ao artesão decidir se irá participar ou não. Por exemplo, no festival da Iça, que ocorreu, nos dias 13 e 14 de novembro de 2021, na Praça dos Tropeiros, nenhum dos artesãos do município expuseram seus trabalhos, no evento, somente um artesão que faz biscuit em cabaças, residente no município de Areias participou. Ou seja, os artesãos do município trabalham com atacado, como já mencionado em outros resultados,

não veem vantagem em expor em feiras sendo que precisam dar conta da demanda de pedidos.

A respeito da lei Aldir Blanc, que dispõe sobre ações destinadas ao setor cultural dos municípios e região o gestor respondeu que, no município, não teve nenhuma pessoa cadastrada; segundo sua fala, eram exigidos alguns pré-requisitos e pelo município ser de pequeno porte não tiveram acesso a esse benefício. De um modo geral, o gestor relatou que o artesanato é uma das principais atividades econômicas do município, gerando muitos empregos e que está sempre à disposição dos artesãos para ouvir sugestões, reclamações para que assim possam pensar juntos e chegar a uma solução. Por mais que se tenha uma interação entre Gestor e Artesãos, percebeu-se que a iniciativa por melhorias parte dos artesãos e não da gestão sendo que deveria ser ao contrário, o órgão público que deveria propor recursos e estratégias para com a comunidade e produtores.

6 Considerações finais

O objetivo deste artigo foi analisar qual a contribuição da produção de artesanato, tendo como base ações de economia criativa, para o desenvolvimento do município de Silveiras/SP. Ressaltou-se que é preciso entender a cadeia criativa composta pelo núcleo de serviços essenciais; atividades relacionadas, que estão atreladas à prestação de serviços diretos; e as atividades de apoio, que consistem em bens e em serviços indiretos. As respostas para as questões sobre o artesanato apontaram que a maioria está na profissão, há mais de 20 anos. O aprendizado das habilidades artesanais ocorreu no núcleo familiar. Em relação à valorização do artesanato pela sociedade há uma percepção positiva pela constante procura dos produtos, porém há críticas quanto a imposição de valores pelos compradores quando as peças acabam sendo vendidas a preço de custo, diminuindo seus lucros. Em relação à comercialização dos produtos, percebeu-se que as questões relacionadas à renda e à composição de valores sobre as peças evidenciam uma compreensão contraditória, pois apesar da valorização da procura pelo produto, há percepção de perda de ganhos em relação a dificuldade em acessar o produtor final.

Inclusive, foi detectada a falta de articulação entre os produtores quanto a criação de meios para valorização da produção local e comercialização, o que é detectado nas disputas entre os produtores, como o percebidos nos relatos acerca de uma suposta concorrência desleal entre os artesãos do município, com impacto no valor das vendas. Com o aumento da quantidade de peças devido à demanda, a qualidade foi reduzida, com a desvalorização de alguns produtos, segundo os relatos. Constata-se, inclusive, a falta de uma avaliação crítica das condições de produção, pois há aceitação das condições de mercado sem a visualização de alternativas de organização dos produtores para a obtenção de condições de comercialização mais favoráveis. Tal afirmação decorre da manifestação de que os valores dos produtos estão compatíveis com o mercado, e, mesmo com valor baixo, conseguem ganhar na quantidade de peças vendidas. Uma solução, decorrente da organização coletiva seria o desenvolvimento de um selo de autenticidade para facilitar o reconhecimento da originalidade do produto, com o agregar de valor.

A investigação possibilitou identificar as atividades artesanais como relevantes para a economia criativa no município, com a geração de ocupação e renda. Entretanto, a reduzida articulação entre os produtores e os limites da atual política pública de apoio a exposição dos produtos artesanais, limita a ampliação do valor das peças comercializadas. Os resultados

indicam a necessidade de uma organização coletiva dos produtores para redução da distância entre os produtores e consumidores, bem como a criação de mecanismos aptos a identificar a originalidade das peças e assim agregar valor, o que demanda uma política pública adequada a qualificação para a gestão da produção e consequente comercialização. A sugestão da criação de um selo decorre da avaliação dos resultados obtidos. Outras ações podem ser concebidas a partir de uma avaliação do mercado consumidor para a elaboração de estratégias de divulgação e comercialização efetivas. Tal iniciativa produziria benefícios para os artesãos e para o município de Silveiras.

7 Referências

- BENDASSOLLI, P. F. et al. Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades. Rev. adm. empres. São Paulo, v. 49, n. 1, p. 10-18, Mar. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902009000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05/08/2020.
- CARVALHO, H. C. B. de. Artesanato de caixeta em São Sebastião - SP. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2002. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11142/tde-09052002-111733>>. Acesso em: 30/08/2020.
- CRESWELL, J. W. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.
- FLORIDA, R. The Rise of the Creative Class: and how it's Transforming Work, Leisure, Community and Everyday Life. Nova York: Basic, 2002.
- HOWKINS, J. Economia Criativa: como ganhar dinheiro com ideias criativas. São Paulo: M. Books do Brasil, 2013.
- IBGE. Silveiras/SP (2010). Cidades@. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/silveiras/pesquisa/23/22957?detalhes=true>>. Acesso em: 05/09/2020.
- IFDM. Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal. Disponível em: <<https://www.firjan.com.br/economiacriativa/downloads/MapeamentoIndustriaCriativa-Firjan2016.pdf>>. Acesso em: 01/09/2020.
- IFDM. Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal. Disponível em: <<https://casafirjan.com.br/lab-de-tendencias/estudos-e-pesquisas/mapeamento-da-industria-criativa-2019>>. Acesso em: 01/09/2020.
- JUNQUEIRA, L. D. M. Cadeia produtiva da indústria cultural criativa: possíveis conexões com o turismo criativo. Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade 10 (3), 517–537 (2018). 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v10i3p517>>. Acesso em: 15/05/2022.
- KON, A. On the creative economy chain in Brazil: potential and challenges. Rev. Econ. Polít., São Paulo, v. 36, n.1, p. 168-189, mar. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572016000100168&lang=pt&nrm=iso>. Acesso em 05/08/2020.

MINAYO, M. C. de S. (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 28. Petrópolis: Vozes, 2009.

PROENÇA, A. C. O artesanato têxtil na região da Guarda: um estudo etnográfico para a preservação do patrimônio. 2019. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/124185>>. Acesso em: 26/05/2021.

REIS, A. C. F. (Organização) (2008) Economia Criativa Como Estratégia de Desenvolvimento: Uma Visão dos Países em Desenvolvimento – São Paulo – Itaú Cultura Disponível em: <http://www.garimpodesolucoes.com.br/downloads/ebook_br.pdf>. Acesso em 05/08/2020.

REIS, A. C. F. Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscópio da cultura. Barueri SP: Manole, 2007. 354p. Secretaria de Apoio à Produção Cultural.

SÁ.O.; SIQUEIRA.S.M.G. Silveiras: Retratos do Vale. Lorena CCTA, 2014.

SAKR, M. R. O papel da classe criativa na sociedade atual: resenha. DRd-Desenvolvimento Regional em debate, v. 6, n. 1, p. 218-221, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.unc.br/index.php/dr/article/view/1101/617>>. Acesso em: 06/09/2020

SANTOS, F. R. Economia Criativa e o Desenvolvimento do Município de Taubaté/SP. Dissertação de mestrado. Planejamento e Desenvolvimento Regional, UNITAU, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unitau.br/jspui/handle/20.500.11874/1116>>. Acesso em: 15/12/2021

SANTOS, M. J.; HANAKA, F.; CARNIELLO, M. F. Turismo e Desenvolvimento na Microrregião de Bananal-SP. X Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional, 2015. Disponível em: <<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/viewFile/13386/2551>>. Acesso em: 01/07/2021.

SEADE. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Disponível em: <<https://www.seade.gov.br>>. Acesso em: 01/09/ 2020.

SEBRAE-Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. O que é economia criativa disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/o-que-e-economia-criativa,3fbb5edae79e6410VgnVCM2000003c74010aRCRD?origem=segmento&codSegmento=7>>. Acesso em 06/09/2020.

SOARES, D. de S.; VIEIRA, E. T. Conexões, cultura e inovações nas cidades criativas: diferenciais para o desenvolvimento regional. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, [S.I.], v. 15, n. 2, mar. 2019. ISSN 1809-239X. Disponível em: <<https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/4445/759>>. Acesso em: 26/05/2021.

UNCTAD- United Nations Conference on Trade and Development. Creative Economy Report 2008. Geneve & Nova York, United Nations, 2008. Disponível em: <<http://stats.unctad.org/Creative/tableviewer/document.aspx?FileId=125>>. Acesso em 01/09/2020.

VIEIRA, E. T.; SANTOS, F. R.; CARNIELLO, M. F. Economia criativa e o desenvolvimento no município de Taubaté-SP. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, v. 12, n. 2, 2016. Disponível em: <<https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/2317>>. Acesso em 01/09/2020.